

Bernstein; Manuel Portela, Jefferson Hansen, Martin Earl; Casimiro de Brito, João Miguel Fernandes Jorge, Boaventura de Sousa, Elisabeth Burns; Alberto Pimenta; Corsino Fortes, John Havelda, José Ribeiro Ferreira, Pirouz Eftekhari.

Valiosas oportunidades de debate e produtiva controvérsia foram também as mesas redondas que pontuaram diariamente o Encontro. A primeira, coordenada por Maria Irene Ramalho, teve como pretexto uma discussão sobre "Whitman e a imaginação poética" e nela participaram Robert Creeley (EUA), Roger Asselineau (França), Martin Earl (EUA) e Mário Jorge Torres (Portugal). No segundo dia, Manuel Portela coordenou uma mesa redonda que debateu o tema "A poesia e as outras artes", com a intervenção de Robert Bertholf (EUA), Robert K. Martin (Canadá), Michael Franco (EUA) e John Havelda (Grã-Bretanha). A última mesa redonda abordou a questão "A universalidade da poesia?" e, coordenada por Graça Capinha, teve como participantes António Ramos Rosa (Portugal), Yvette Centeno (Portugal), Boaventura de Sousa (Portugal) e Charles Bernstein (EUA).

Durante o Encontro esteve patente na Sala dos Professores da Faculdade de Letras uma exposição bibliográfica que oferecia, com base no espólio das bibliotecas da Faculdade, uma panorâmica da obra dos poetas participantes. Merece igualmente destaque a edição de uma colectânea bilingue de poemas dos mesmos poetas, com a produção de traduções inéditas em que colaboraram diversos docentes da FLUC, num reconhecimento empenhado do esforço da organização e da importância da iniciativa.

O "balanço" informal do Encontro (que não excluiu a sua animação social) era, no seu final, indubitavelmente positivo, como comprovou a estimulante pergunta-sugestão deixada pela maioria dos participantes: E para quando o próximo?... ■

Isabel Pedro dos Santos

Colóquio "The Turn of the Century. From Modernism to Avant-Garde in European Literature and the Arts" (Antuérpia, 21-23 de Maio de 1992)

Os tempos vão mais propícios a uma reavaliação em profundidade do paradigma

modernista, desde que a questão do pós-modernismo perdeu a virulência polémica e nos vemos a entrar, mais pacificamente do que era previsível, no que talvez tenha de ser classificado como um "pós-pós-modernismo". O colóquio em epígrafe, que reuniu durante três dias na Universidade de Antuérpia algumas dezenas de especialistas das mais diversas nacionalidades, propunha-se contribuir para essa reavaliação, atenta ao novo contexto estético e epistemológico. Esse objectivo, diga-se desde já, acabou por se ver algo comprometido por duas lacunas importantes: por um lado, o naipe dos participantes quase se resumia a especialistas literários, não reflectindo a multidisciplinaridade indispensável a uma discussão global da situação estética modernista; por outro lado, faltou também a muitas comunicações uma reflexão epistemológica temperada pela problemática da pós-modernidade, frustrando, assim, a possibilidade de ir além de posições já adquiridas e mesmo, por vezes, simplesmente rotineiras.

Apesar destas limitações (que, reconheça-se, não podem assacar-se exclusivamente aos organizadores), não foram poucos os motivos de interesse presentes ao longo dos trabalhos. O aspecto mais positivo a assinalar (talvez a característica mais decisiva de um colóquio cuja conclusão principal, como era inevitável e previsível, foi tornar ainda mais evidente quanto há ainda a fazer para um melhor conhecimento do seu objecto) será certamente o entendimento amplo do paradigma modernista partilhado pela maioria dos participantes. Toma-se visível que, contrariamente ao pretendido por algumas versões apoloéticas do pós-modernismo, compelidas a construir uma imagem unidimensional do conceito de que quem demarcou-se, extrapolado essencialmente das concepções funcionalistas em arquitectura, o conceito de modernismo é, por definição, amplo e plural. Correlativamente, movimentos ou autores periféricos até há pouco ignorados ou negligenciados (como é o caso notório de Fernando Pessoa) surgem agora plenamente integrados na discussão. É, aliás, significativo que as contribuições mais interessantes tenham sido sobretudo as que incidiam sobre temáticas ou autores marginais a uma definição canónica restritiva de modernismo.

Neste sentido, uma das comunicações mais marcantes foi, sem dúvida, a de Wladimir Kryszynski (Montréal), dirigida a uma diferenciação do conceito de vanguarda assente na

distinção entre "avant-gardes d'ostentation" e "avant-gardes de faire cognitif": trata-se de definir o conceito não exclusivamente a partir dos manifestos, das "actividades ostentatórias" viradas para o choque e o escândalo, mas sobretudo à luz da "subversão cognitiva", menos espectacular e menos visível, resultante do trabalho longo, obstinado, intersticial, dirigido para a problematização dos pressupostos da modernidade. No contexto da mesma definição ampla do paradigma modernista, não surpreendeu, por exemplo, ouvir comunicações como a de Yves Chevreil (Paris), centrada, de um modo extremamente clarificador, sobre o tema "Naturalisme et Modernité". Igualmente significativa foi a atenção prestada à problemática do fim do século vienense (sobre que incidiu também a minha própria contribuição, dedicada a uma reavaliação do lugar de Karl Kraus no contexto modernista). Embora comunicações como a de Roger Bauer (Munique) sobre Hofmannsthal mais não fizessem do que repisar terreno já bem familiar, outros textos, como o de Giorgio Maragliano (Florença) sobre "D'Annunzio, Hofmannsthal and Rilke" ofereceram perspectivas saudavelmente inovadoras. Também a leitura do Expressionismo alemão à luz da problemática pós-moderna por Walter Erhart (Tübingen) veio mostrar como temáticas aparentemente esgotadas podem revelar novas facetas, se vistas de um ângulo suficientemente atento à nossa própria contemporaneidade.

Igualmente significativos foram os vários contributos para uma revisão do conceito de modernismo a partir do ponto de vista das mulheres, alicerçados nas aquisições da crítica feminista, mesmo quando, por uma razão ou por outra, não se reclamavam explicitamente desse rótulo. O mais conseguido desses contributos, constituindo uma excelente síntese do "estado da arte" no capítulo, não apenas do estudo das "mulheres no modernismo", mas do "modernismo como mulher", foi a comunicação de Vivian Liska (Antuérpia), "From Topos to Trope. Feminist Revisions of Modernism".

Scott D. Denham (Davidson, N.C.), falando sobre "Institutions of Modernism: a Theoretical Introduction" fez incidir a sua excelente

intervenção sobre um aspecto nem sempre suficientemente valorizado, mas decisivo para uma compreensão da dinâmica específica do campo estético modernista: propondo-se lançar os fundamentos de uma teoria das "instituições modernistas", o autor ilustrou sobretudo com o exemplo do "Bauhaus" as vantagens de uma abordagem sociológica da dimensão institucional, mais ou menos precária, que marcou os movimentos modernistas.

Não é possível, naturalmente, referir o conjunto das intervenções, que, como dei já a entender, de modo nenhum se centraram, como seria de reear, no modernismo anglo-americano do "mainstream", nem também apenas no de expressão francesa (a condição multilingue da Flandres talvez ela própria tenha contribuído para isso, ao fornecer um quadro de quase natural estímulo a uma saudável diversidade). Realcem-se ainda, de entre as intervenções de fundo, a síntese competente de Jean Weisgerber "Panorama d'un siècle (1850-1950): discordia concors?" e a comunicação de Matei Calinescu (Bloomington, Ind.), "Modernism, Modernity, Modernization". A distinção entre "modernidade" e "modernismo" em que insistiu Calinescu é, a meu ver, fundamental: um dos aspectos fundamentais da estética modernista, como eu próprio já tenho tido oportunidade de realçar, é a atitude ambivalente, a um tempo celebratória e crítica, que ela adopta perante o contexto da modernidade. Já, por seu lado, em relação ao conceito de modernização, o qual, como o autor a justo título sublinhou, quase tem estado ausente do âmbito dos estudos literários, a exposição não foi, a meu ver, muito convincente; a operacionalização do conceito para uma visão crítica do modernismo necessita, claramente, de uma mais aprofundada e coerente elaboração. Ficou, no entanto, a nota da tentativa de superação do quadro conceptual demasiado estreito em que muitas vezes se têm movido os estudos sobre o modernismo.

Esperemos pela prometida publicação das actas do colóquio, que ficará, sem dúvida, a constituir uma referência importante sobre um tema virtualmente inesgotável. ■

António Sousa Ribeiro